



Jahangir Mammadov. Créditos: Armando Pierre Gualand.

Entrevista: Jahangir Mammadov

Ivonete Pinto¹

Docente nos curso de Cinema da UFPel; Editora da revista Teorema

Instalado em um prédio suntuoso no centro de Baku, construído em 1945, Jahangir Mammadov, Chefe do Departamento do Cinema do Ministério da Cultura e Turismo da República do Azerbaijão, recebeu a revista Orson em seu gabinete em fevereiro último.² Com a ajuda de uma intérprete em inglês, discorreu sobre a produção cinematográfica do país. Com bom humor, lembrou que tudo era novo no Azerbaijão, considerando que a independência da então União Soviética se deu apenas em 1991. Como Mammadov admite, o capitalismo é uma experiência nova lá e o país se adapta à nova lógica de mercado.

Questionado sobre como o seu Governo trabalha para a aprovação de roteiros, o tema não ficou satisfatoriamente respondido. A edição da entrevista, sendo fiel ao encontro e à resposta, mantém o teor incompleto, ressaltando que o objetivo principal, que era obter um panorama do cinema, do ponto de vista do Governo, ficou contemplado. Sobressaiu deste diálogo, o fato de que o Azerbaijão investe na cultura como um bem imaterial importante, mas que aos poucos vai deixando a tarefa do investimento para a iniciativa privada. Num país de população de 9,4 milhões de habitantes, possuir 40 salas de cinemas, soa pouco, especialmente se o país é um dos grandes produtores de petróleo do mundo. O crescimento econômico, enquanto república independente, está no início, e o segmento do cinema pode ser medido mais pela produção do que

¹ ivonetepinto02@gmail.com

² Agradecemos a intermediação para a entrevista da Embaixada do Azerbaijão no Brasil, através de seu adido cultural Intigam Huseynov.

pelo número de salas. Exibir uma média de produção de meia centena de filmes por ano, entre subsidiados e independentes, parece ser a grande conquista a comemorar.

ORSON - Quantos filmes o Azerbaijão produz por ano e qual o sistema de produção?

Mammadov - Produzimos uma média de 50 filmes por ano. Destes, cerca de 20 são de ficção e 30 são documentários (temos alguns em animação também). Os filmes que contam com 100% de subsídios do governo são em torno de 15, sendo destes 10 documentários. Temos estúdios que produzem os filmes, e um inclusive, subsidiado pelo governo, onde trabalham apenas jovens, estudantes e graduados em cinema da Azerbaijan State University of Culture and Arts. É uma universidade criada ainda nos anos 20 e que dos anos 60 para cá incorporou o cinema.

ORSON - E há co-produções também?

Mammadov - Sim, sobretudo com a França, Alemanha, Itália, Geórgia e Turquia. Mas são os estúdios privados que fazem as negociações, que são reguladas pelo governo.

ORSON - Há dados atualizados sobre bilheteria?

Mammadov - No momento não.

ORSON - Janeiro Sangrento, de Vahid Mustafayev, que trata da independência do Azerbaijão da URSS foi um sucesso, não?

Mammadov - Sim, mas não saberia informar os números. É uma produção da Baku Film Studio em co-produção com a TV, e não teve participação de investimento do governo, não acompanhamos.

ORSON - Mas o filme abre, nos créditos, com um agradecimento ao presidente Ilham Aliyev.

Mammadov - Só uma gentileza, não houve dinheiro público.

ORSON - Quantas produtoras privadas existem no Azerbaijão e como vocês trabalham com elas em termos de suporte financeiro?

Mammadov - Cerca de 20. Nós entramos às vezes com 50% do orçamento, às vezes com 100%.

ORSON - Quais os critérios para o governo apoiar um projeto?

Mammadov - Depende do roteiro. Temos uma equipe aqui que lê os roteiros.

ORSON - São critérios artísticos?

Mammadov - Sim. Não temos censura.

ORSON - Quanto por cento de aprovação, em geral?

Mammadov - *(depois de uma longa conversa em azeri com a tradutora)* Antes, há cinco anos, entrávamos com 100% dos recursos dos filmes, hoje selecionamos os projetos e entramos com percentagem menor. As produtoras não têm interesse nos 100% e colocamos 40%, 50%.

ORSON - Quando o governo subsidia uma produção e esta tem lucro na bilheteria, é necessário que a produtora dê retorno de alguma porcentagem deste lucro para o governo?

Mammadov - Não, não. Nosso interesse é somente que as pessoas vejam os filmes, não temos interesse em retorno financeiro.

ORSON - Há alguma preocupação aqui sobre filmes baixados na internet, os downloads?

Mammadov - Com os filmes mais antigos nós até incentivamos. Este site (www.azcinemaonline.com) é uma ótima forma de divulgar nosso cinema.

ORSON - Vê-se uma quantidade grande de fotos do presidente em todos os lugares. Ele gosta de cinema?

Mammadov - Não, mas a esposa dele gosta. Ela gosta de tudo o que é relacionado à cultura e incentiva muito os artistas.

ORSON - Quantas salas de cinema o Azerbaijão possui?

Mammadov - 40 salas.

ORSON - E qual o valor médio do ingresso?

Mammadov - Média de seis manat (cerca de nove reais).

ORSON - É um negócio lucrativo para os donos de cinema?

Mammadov - Começa a ser. Eles são *businessmen*, se não der lucro, fecham as salas. Estamos engatinhando no capitalismo, mas com muita vontade.

ORSON - E o mercado é dominado pelos filmes americanos, como em boa parte do mundo?

Mammadov - Não só. Pela proximidade geográfica e as similaridades culturais, grande parte dos filmes em cartaz são turcos. Os turcos são os mais populares, depois vêm os russos e os da Georgia.